CORREIO DO ESTADO
TERÇA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO DE 2016

CIDADES

cidades@correiodoestado.com.br

SAÚDE EM COMA

UPAs emprestam remédios para não zerar o estoque

Medicamentos básicos estão em falta em unidades

ÁLVARO REZENDE

SITUAÇÃO CRÍTICA. Problema se agrava em UPAs com atendimento 24 horas, como a Santa Mônica

LUCIA MOREL

Sem medicamentos suficientes para atender as unidades de saúde de Campo Grande, a prefeitura recorre aos hospitais para tentar suprir a demanda. Licitação para compra de remédios foi finalizada em abril, mas somente em agosto foi feita homologação dos resultados. Comunicação interna da Secretaria Municipal de Saúde (Sesau) encaminhada aos farmacêuticos da rede indica que todo o processo poderia ter sido encerrado em apenas 15 dias.

O comunicado interno da Coordenadoria de Assistência Farmacêutica (CAF) mostra que foi solicitado início de processo licitatório para compra de medicamentos em fevereiro deste ano e os resultados saíram em abril. O pedido seguiu programação que previa o abastecimento adequado das farmácias das unidades de saúde para todo o ano de 2016 até o início de 2017. "Os pregões presenciais foram todos finalizados no dia 24 de abril de 2016. Tendo sido realizados 7 pregões presenciais de 221 itens diferentes com êxito (pregões de 29 a 35/2016). Estes pregões só foram homologados no mês de agosto, uma demora de 4 meses, para um procedimento que normalmente levaria 15 dias", enfatiza o informe.

Além disso, a coordenadoria informou aos servidores do setor de farmácia da Sesau que, para tentar driblar a ausência de medicamentos, foi feito empréstimo junto aos grandes hospitais públicos de Campo Grande, como Santa Casa, Regional e Universitário, e também outros municípios. "Entretanto, o consumo destes itens pela nossa rede é muitas vezes superior à capacidade de fornecimento destas instituições e, para alguns itens, não temos mais possibilidade de conseguir nenhum empréstimo", enfatizou o comunicado.

Por fim, a CAF pede aos farmacêuticos da rede que, diante da situação, "na medida do possível, remanejem os medicamentos que estão em falta para as unidades 24 horas, em especial os injetáveis e que mantenham seus estoques virtuais sempre atualizados".

O Correio do Estado percorreu alguns postos de saúde ontem de manhã e constatou que remédios básicos como dipirona e ibuprofeno são os menos encontrados pela população. Mas podem ser incluídos nessa lista soro fisiológico, Diclofenaco, xaropes e até vitaminas.

O eletricista Marcel Thiago Alves do Nascimento, 32, está desde semana passada em busca de medicamentos receitados na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do bairro Coronel Antonino. Ele sofreu acidente de trabalho e até agora está sem dipirona e ibuprofeno. "Vim nesse posto hoje (UPA Leblon) para ver se tem", comentou. Ele saiu de lá sem a medicação.

Para ele, a falta de remédios básicos é descaso do poder público e afirma que já há alguns meses que ocorre a insuficiência nos postos. "Olha, pra ser sincero, depois que mudou essa gestão municipal que isso começou a acontecer. Antes era bem regulado", afirmou.

O auxiliar de engenharia Hernandes Molina de Freitas, 43, levou a filha para ser consultada na UPA Coronel Antonino e saiu de lá sem dipirona e sem soro fisiológico para limpeza nasal. "Os outros remédios havia aqui, mas vou ter que comprar esses outros dois", disse, ao comentar que, apesar de não serem medicamentos tão caros, "se é disponibilizado na rede pública, deveria ter aqui".

Segundo o carpinteiro Luís Miguel dos Reis, 30, sair do posto de saúde sem a solução nasal é um incômodo e um gasto a mais. "Sempre que venho trazer meu filho falta algum medicamento. A farmácia aqui nunca tem todos", lamentou. E, em outras situações, ele precisou comprar xarope e até vitamina C. "Não tinha, e o jeito foi comprar", disse.

Desmentindo a população, a Secretaria de Saúde de Campo Grande informou que "dos medicamentos citados, apenas o 'Dipirona' está com estoques baixos, aguardando término de licitação. Ibuprofeno e Diclofenaco estão com estoques suficientes e todas as Unidades de Saúde abastecidas". Sobre o empréstimo junto aos hospitais, a informação é de que é prática "comum entre a Sesau e os Hospitais, de lado a lado".

Saiba

De xaropes a vitaminas

Conforme populares ouvidos pelo Correio do Estado, a relação de remédios em falta inclui xaropes, soro fisiológico, dipirona e até vitaminas.

Estão em falta ao menos 70 medicamentos

Ao menos 70 de uma lista de 300 medicamentos estão em falta na rede pública de saúde. De acordo com o Conselho Regional de Farmácia (CRF), os analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos são os menos encontrados. A presidente da entidade, Kelle Slavec, afirmou que, além de dipirona e ibuprofeno, antibióticos como ciprofloxacino, azitromicina e cefalexina estão em falta.

"A cefalexina, sabemos que há um componente dele que está em falta e nem mesmo na rede privada é encontrado, mas os demais, não sabemos", comentou. A presidente diz que farmacêuticos comentam que esperam há pelo menos 60 dias novos medicamentos, já que a licitação está finalizada desde abril. "A licitação dura cerca de 60 dias. Esta agora já está com 120. É muito atraso".

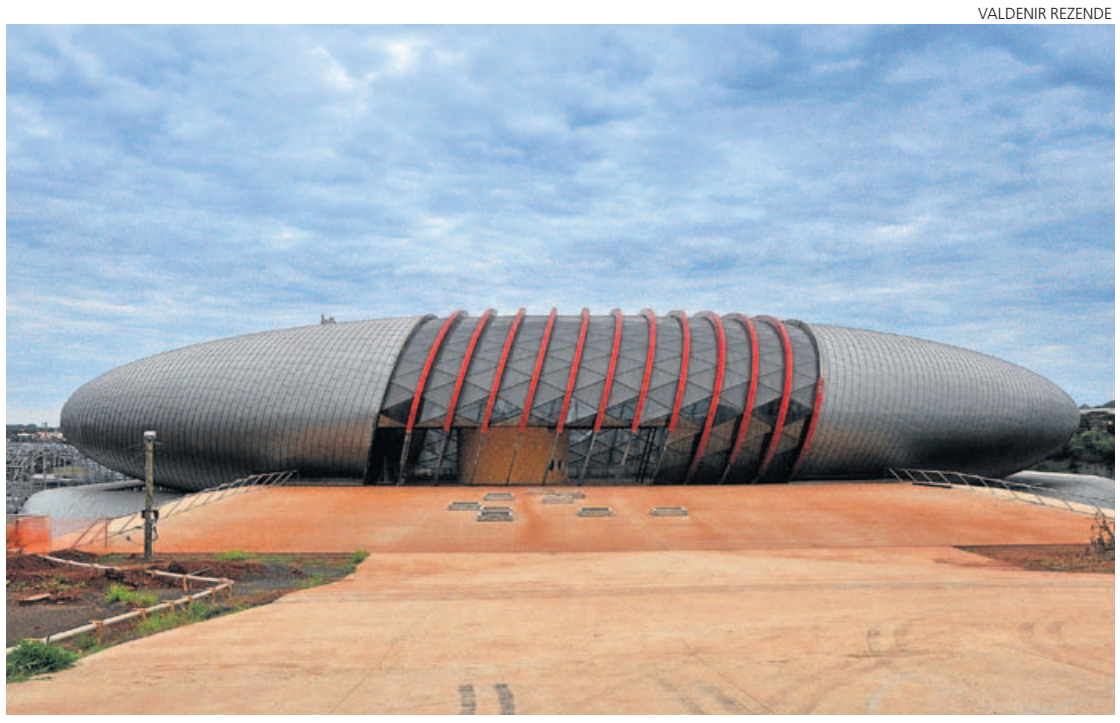
Essa situação, além de deixar os pacientes sem os remédios de que precisam, também torna o trabalho dos farmacêuticos mais estressante. "O profissional está na ponta de todo processo de atendimento. O paciente passa pela consulta e, quando vai pegar os medicamentos, não tem, e a culpa vai para o farmacêutico, que acaba sendo destratado e xingado, muitas vezes".

Sobre o fato de emprestar remédio de hospitais, Kelle acredita não ser uma prática comum e diz que tal medida não surte efeito. "A maioria dessas instituições também tem sua dificuldade e, assim, tira de um e falta no outro. É um efeito cascata, que não é saudável", comenta. **(LM)**

COMPENSAÇÃO AMBIENTAL

Governo quer usar Fundo para concluir aquário

VALDENIR REZENDE



EMPERRADA. Conclusão da obra do Aquário, licitada em 2010, esbarra em "recursos insuficientes"

KLEBER CLAJUS E TAINÁ JARA

O Governo do Estado cogita utilizar novamente dinheiro do Fundo de Compensação Ambiental para concluir as obras do Aquário do Pantanal. De acordo com o governador Reinaldo Azambuja (PSDB), para conseguir valor maior do que os R$ 18 milhões já disponíveis por meio do fundo, será necessária aprovação da Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul (ALMS).

Ainda na gestão do ex-governador André Puccinelli (PMDB), foram disponibilizados R$ 34 milhões por meio do fundo, porém, apenas R$ 16 milhões foram utilizados. O que sobrou deve custear parte dos R$ 67 milhões estimados para concluir a obra. Com isto, ainda serão necessários R$ 49 milhões em recursos próprios para finalizar o empreendimento.

Conforme o governador, a Secretaria de Infraestrutura ainda aguarda autorização do Judiciário para poder realizar novo aditivo para concluir o aquário. A aprovação garantirá a continuidade da Egelte Engenharia na execução da principal parte do projeto. Caso o pedido não seja aceito, será necessário abrir licitação para a contratação de outra empreiteira para finalizar a obra.

Durante a gestão do ex-governador André Puccinelli (PMDB), o valor do contrato com a Egelte foi reajustado por meio de aditivos em seu limite previsto em lei: 25%. Conforme a Secretaria Estadual de Infraestrutura, a Egelte ainda tem R$ 6.909.690,64 para receber, porém, o dinheiro não será repassado enquanto o impasse sobre a finalização não for solucionado.

A licitação para construção do Aquário do Pantanal ocorreu em 2010 com proposta de R$ 84 milhões.

49 mi

A MAIS
Além do dinheiro disponível do Fundo de Compensação Ambiental, que soma R$ 18 milhões, o governo estadual precisaria de mais R$ 49 milhões para concluir a obra do Aquário do Pantanal. O custo total para finalizar o empreendimento é estimado em R$ 67 milhões.

PORTO MURTINHO

Incêndio destrói parte de quartel

VALQUÍRIA ORIQUI

Todo o telhado de um dos pavilhões do prédio da 2ª Companhia de Fronteira do Exército Brasileiro, localizada na cidade de Porto Murtinho, ficou destruído pelo fogo que atingiu o local na manhã de ontem, e terá que ser trocado. Além do almoxarifado, o auditório também foi atingido pelas chamas.

De acordo com o comandante do Corpo de Bombeiros na cidade, major Muniz, o local atingido corresponde a uma área de 800 metros quadrados. Equipamentos do auditório foram retirados antes da chegada do fogo. "Foi possível retirar cadeiras, data show e computadores do auditório. As cortinas foram consumidas pelas chamas", explicou Muniz. Foram utilizados aproximadamente 15 mil litros de água para combater o incêndio, que durou cerca de 1h30min. Prejuízos financeiros ainda estão sendo levantados.

Por meio de nota oficial à imprensa, o Comando Militar do Oeste (CMO) informou que foi aberto inquérito policial para apurar as causas do incêndio que destruiu o prédio do almoxarifado.

EDICARLOS

DESTRUIÇÃO. Fogo atingiu área extensa de pavilhão do quartel